



FOTOS: ELIJA BERNARDO/GETALIMAGES

No painel sobre o carro que iremos conduzir em 2040 participaram (da esquerda para a direita) Bruno Militão, Miguel Pinto, Nuno Silva, Filipe Coelho e Helena Silva

Futuro

O que vamos conduzir em 2040 e quais os serviços da nova mobilidade?

Autónomos, partilhados e conectados. Assim serão os veículos daqui a 20 anos, com a evolução da tecnologia a ter um papel essencial nesta revolução, que vai criar também novos serviços de mobilidade e transformar a indústria automóvel

Elisabete Silva

Falar de veículos elétricos há dez anos equivalia a ser chamado de louco. Helena Silva, CTO do CEiiA, recordou esses tempos e de como o Centro de Engenharia e Desenvolvimento se tornou pioneiro, pois além de ter apostado na mobilidade elétrica, também evoluiu para um serviço, como acontece com a plataforma Mobi.Me. “Autónomo, partilhado e conectado. O que iremos conduzir em 2040?” foi o tema em debate num dos painéis da Automotive Sessions@Setúbal, pois “o veículo do futuro não se resume à sua eletrificação”.

A mudança na forma de mobilidade, a procura por veículos mais sustentáveis, a constante inovação na digitalização, que está a trazer cada vez mais novos serviços, gera também diversos desafios. “A indústria automóvel está num processo bastante complexo de definição no que os veículos devem ter de tecnologia e de materiais utilizados”, salientou Nuno Silva, que participou no mesmo painel dedicado à indústria automóvel, numa sessão realizada em Setúbal.

O CEO da MoldIt, Grupo Durit, exemplificou como os veículos tendem a mudar a nível estético, mas também os materiais utiliza-

dos para a sua construção estão a ser modificados, além de se pensar na integração da tecnologia. Um dos exemplos dados foi a instalação de sensores que possam substituir partes mecânicas, como os pedais.

“Já se perdeu o da esquerda e já se consegue fazer viagens quase sem tocar nos pedais”, referiu, adiantando que está aberta a porta para se ir mais além.

Respondendo ao repto do moderador do debate, João Tomé, coordenador do DN Insider e jornalista do Dinheiro Vivo, Nuno Silva concorda com a ideia de que o interior dos automóveis venha, no futuro, a ser um “espaço mais aberto, mais livre, com bancos que ocupam menos espaço, dispostos de forma diferente, quase como se fosse uma sala de estar”. Isto acontecerá tendo em conta a tendência para que os veículos venham a ser autónomos, sem esquecer a conexão entre eles.

Miguel Pinto citou estudos que indicam a perspetiva de 90% dos carros em 2030 serem conectados. Para tal acontecer, “o grande salto será com o 5G”, que acelerará este processo. Com a inovação a ser essencial, o diretor-geral da Kathrein Automotive referiu que se está a evoluir rumo a uma antena inteligente, em vez das cinco atuais, não se esta fosse a especialidade da empresa.

ID: 81161646

22-06-2019 | Conferências

Os veículos serão muito superiores aos de hoje, em tecnologia e segurança, e só em circunstâncias especiais será necessária a intervenção humana

AUTÓNOMOS, CONECTADOS E PARTILHADOS

Filipe Coelho, mobility program manager da Via Verde Serviços, sublinhou que um dos desafios dos “grandes atores da mobilidade partilhada” é crescer, mas numa “base de diferenciação”, pois a concorrência está a ser muito baseada apenas nos preços. O responsável não duvida de que “a digitalização é o caminho a fazer” e que o número de serviços disponíveis vai “aumentar exponencialmente”. E deu o exemplo seguido a nível da mobilidade partilhada na Via Verde e no grupo Brisa, como a aposta no carsharing, que não só é para continuar como também já se olha para a transição para uma mobilidade mais elétrica.

Quanto ao que se irá conduzir em 2040: “Acho que nem vamos conduzir.” Para Filipe Coelho, o veículo será muito superior aos de hoje e só em necessidades muito específicas será preciso a intervenção humana.

Num debate centrado em desafios, as seguradoras representam um setor que enfrenta vários e em várias frentes. Se, por um lado, o aparecimento de veículos autónomos trará novas formas de responsabilidade, por outro, é necessário também pensar como acompanhar a evolução da tecnologia, utilizando-a para oferecer mais serviços ao cliente. Para Bruno Militão, administrador da GEP – Gestão de Peritagens, do Grupo Fidelidade, o desafio de uma seguradora está precisamente mais do lado do serviço.

Aquele dirigente disse que um dos serviços possíveis é, por exemplo, uma aplicação através da qual seja possível indicar o que é necessário por parte do cliente e ter a capacidade para identificar qual o reboque mais próximo, em caso de acidente. Isto torna todo o processo mais eficaz. No entanto, com a aposta numa mobilidade mais partilhada, ou seja, com as pessoas a olhar, cada vez mais, para outras formas de deslocação além do carro particular, Bruno Militão salientou que o que se quer na seguradora “é estar com o cliente em toda a fase da sua vida”, independentemente da sua escolha de mobilidade. ●



Helena Silva, CTO do CEiiA, fez uma intervenção sobre o carro do futuro na Automotive Sessions

Carro do futuro passa por terra, ar e comando à distância

Todas as evoluções tecnológicas do carro do futuro têm no horizonte a rapidez, o custo baixo e a sustentabilidade, diz a diretora para a área da tecnologia do CEiiA

Quando perguntam como será o carro do futuro, a resposta é óbvia, diz Helena Silva, diretora para a área da tecnologia do CEiiA – Centro de Engenharia e Desenvolvimento de Produto: “Será partilhado e autónomo, mas pode ser muito mais!” Estas duas características, aliás, são aquelas que inspiram o centro a criar uma oportunidade na indústria de investigação e desenvolvimento que permita a Portugal assumir uma posição de relevo.

O objetivo não é irrealista, diz a responsável, explicando que, com base na sua própria experiência, consegue perceber que há capacidade em Portugal para desenvolver um carro cidadão, com emissões zero, usando know-how próprio. Não seria a primeira vez que isso aconteceria. Já em 2008, o CEiiA liderou com algumas empresas nacionais o programa de mobilidade elétrica, que esteve parado durante algum tempo, impossibilitando a sua evolução.

Mas foi a partir desse programa que a EFACEC se tornou hoje uma referência internacional no ramo dos carregadores rápidos. E o pró-

prio CEiiA teve também oportunidade de desenvolver para a Noruega uma nova versão de um modelo elétrico que viria a ser considerado o mais pequeno do mundo. Este foi igualmente o projeto que permitiu ao centro de engenharia sediado em Matosinhos desenvolver pela primeira vez um elétrico de raiz, tornando a indústria portuguesa fornecedora de 70% da incorporação deste veículo, do qual se esperam 15 protótipos em breve. E desta experiência também nasceu a plataforma de gestão de mobilidade Mobi.Me, presente em dez países e mais de 70 cidades com meio milhão de utilizadores.

Quando o desafio agora é alcançar outras metas, Helena Silva explica que o carro do futuro, além da par-

O automóvel do futuro é só uma parte de um sistema de mobilidade muito mais complexo, avisa Helena Silva

tilha, da autonomia e da conectividade vai conseguir também voar, integrando a mobilidade horizontal e vertical. Há vários projetos em curso – conta a diretora para a área da tecnologia –, dando o exemplo do Be, um veículo desenhado a partir do centro, com a indústria nacional. O Be poderá circular na estrada e pelos ares, estado o CEiiA a trabalhar na vertente da mobilidade terrestre: “O que queremos é criar aqui um espaço onde possamos explorar essa oportunidade para a indústria nacional.” E aquilo que será “verdadeiramente transformacional” é a lógica de uso do veículo – rápido, barato e sustentável. Apesar de autónomos, elétricos e voadores, os veículos do futuro serão apenas parte de um sistema de mobilidade bem mais complexo, avisa a responsável. Um sistema em que qualquer pessoa, a partir da sua app, terá acesso ao seu meio de transporte, dependendo das necessidades e da localização. Este é o caminho e o CEiiA –, diz Helena Silva – já está a trabalhar para que a indústria nacional possa ter um espaço neste desafio. ●

Os desafios de Setúbal para uma mobilidade sem barreiras

Melhorar a rede viária e os circuitos pedonais é a estratégia da câmara sadina para afastar os carros do centro

Começamos pelo ponto de partida: 66% das viagens dentro da cidade são feitas de carro, 72% das habitações não têm garagem privada e quase 30% das crianças vão para a escola de transporte individual. Passemos, agora, ao ponto de chegada: diminuir o uso do automóvel em 11%, aumentar em 10% as viagens nos transportes públicos e expandir as ciclovias de 17 para 100 quilómetros. Este é, em linhas gerais, o plano de mobilidade que a Câmara de Setúbal traçou para atingir na próxima década. O quadro, apresentado pelo chefe de divisão da Mobilidade na segunda sessão warm up do Portugal Mobi Summit, em Setúbal, mostra bem os desafios pela frente. Disciplinar o estacionamento, que se tornou “abusivo e caótico”, desorganizar as principais artérias, retirando os carros do centro, ou substituir os semáforos por rotundas para o trânsito fluir são algumas medidas necessárias para “provocar a mudança na cidade”, diz João Miguel Madeira.

Para conseguir ainda promover o transporte coletivo, as viagens a pé ou o uso de bicicleta, vai ser necessário não apenas um, mas “dez planos de ação prioritárias”. Essa é a estratégia para integrar, por exemplo, a rede de ciclovias, os circuitos pedonais ou melhorar as ligações e os preços dos transportes públicos. E nada disso se faz sem alguns milhões de euros. O interface da Praça do Brasil implicará um investimento de 4,5 milhões para arrumar no mesmo espaço autocarros e comboios. E os três parques subterrâneos destinados a ordenar o estacionamento no centro da cidade vão custar seis milhões de euros, prevendo-se que os concursos sejam lançados no fim do próximo ano. “Melhorar a rede viária, mas também os circuitos pedonais, cicláveis e os transportes públicos é o caminho para desfrutar de um espaço público livre de obstáculos”, explica o chefe de divisão da Mobilidade, ressaltando que o objetivo não é promover uma campanha contra o carro, mas incentivar uma “mobilidade para todos e em todos os sentidos”. ●